

A INFÂNCIA NEGRA EM GUIMARÃES ROSA

Rízia Lima Oliveira¹
Andressa dos Santos Vieira²

Resumo: O presente artigo busca analisar os aspectos da infância dos garotos negros Guirigó de *Grande sertão: veredas* (2017) e Tiãozinho, menino guia, do conto *Conversa de bois* da obra *Sagarana* (2017) ambas do autor mineiro João Guimarães Rosa. Busca-se evidenciar como a infância pode se constituir de formas tão distintas considerando aspectos sociais como a composição familiar, racial e o lugar de fala na sociedade. Evidenciando através de uma aproximação entre as personagens apresentar aspectos que unem suas infâncias mesmo sendo garotos de obras distintas a fim de debater como a figura da infância idealizada, cercada de cuidados e prazeres está distante para ambos.

Palavras -chave: Infância; Guirigó; Tiãozinho; João Guimarães Rosa.

THE BLACK CHILDHOOD IN GUIMARÃES ROSA

Abstract: This article seeks to analyze the aspects of the childhood of black boys Guirigó de *Grande sertão: veredas* (2017) and Tiãozinho, guide boy, from the short story *Conversa de oxen* of the work *Sagarana* (2017) both by the minas gerais author João Guimarães Rosa. It seeks to show how childhood can be constituted in such different ways considering social aspects such as family composition, racial and the place of speech in society. It is then sought through an approximation between the characters to present aspects that unite their childhoods even being boys of different works in order to debate how the figure of idealized childhood, surrounded by care and pleasures is distant for both.

Keywords: Childhood; Guirigó; Tiãozinho; João Guimarães Rosa.

1 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). -mail: rizialima.deoliveira@hotmail.com

2 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: andressa.sv@hotmail.com

A infância é uma temática recorrente na obra de João Guimarães Rosa, escritor mineiro, autor de grandes clássicos como *Grande sertão: veredas* (2017), *Corpo de Baile* (2017) e *Primeiras histórias* (2017) que, apesar de não ter produzido textos direcionados ao público infantil, criou muitas personagens crianças para ocupar os espaços literários de suas obras, como é possível constatar nos contos “As margens da alegria”, “Os cimos”, na novela *Campo Geral* com Miguilim e Dito, e entre tantas outras.

A infância de João Guimarães Rosa, o Joãozinho, é contada por seu tio Vicente Guimarães na obra *Joãozinho – A infância de João Guimarães Rosa* (2014), em que o tio jornalista e escritor conta as peripécias e as aventuras de seu sobrinho, relatando de maneira bem rosiana o relacionamento entre eles. Uma outra obra que permite identificar o relacionamento de Guimarães Rosa com a infância é o livro *Oó do Vovô – Correspondências de João Guimarães Rosa, Vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess* (2003) aonde é possível ler e ver os desenhos e postais produzidos para as netas e a forma como se comunicava com elas.

Ambas as obras permitem compreender um pouco de como o autor se relacionava com a infância, a sua e a das crianças que o rodeavam, o que pode se relacionar diretamente com sua habilidade em criar personagens infantis tão marcantes como ocorre com *Grande sertão: veredas* (2017), romance aclamado pela crítica literária publicado em 1956, aonde um ex-jagunço gozando de sua “aposentadoria” narra o modo de vida bélico e os desafios de um bando de jagunços a um interlocutor que ele indica estar hospedado como visita em sua fazenda, embora esse interlocutor não participe diretamente da narrativa, o que o caracteriza como um bom ouvinte, de acordo com o que afirma a ensaísta Walnice Galvão (2001):

Veio da cidade uma personagem a que chamaremos de Interlocutor, pois ele não tem nome, procurando por um renomado

chefe de jagunços de que ouvira falar, a quem quer conhecer para entrevistá-lo e indagar de seu passado, suas batalhas, as peripécias em que tomara parte, de onde viera, quem tinham sido seus pais; enfim, como vivera sua vida. O Interlocutor é então quem instiga a narração, e ela se faz em sua intenção, em resposta às múltiplas inquirições e dúvidas que vai levantando, para precisar melhores acertos passos que ainda vagos do enredo (GALVÃO, 2001, p. 239).

A narrativa do romance se inicia de forma caótica considerando que Riobaldo rompe com a estilística comum da narração, no que se refere à ordem cronológica do tempo, logo os fatos são memórias, “flashes” de momentos distintos da sua vida, que constituem o antes e o depois da vida de jagunço.

Desta forma, Riobaldo conta toda sua trajetória, desde a vida difícil e pobre que levava com a mãe Bigri, sua ida ao porto ainda garoto onde encontra pela primeira vez o Menino:

Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Ali mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele (ROSA, 2017 p. 71).

Assim as primeiras personagens infantis em *Grande sertão: veredas* (2017) são Riobaldo e Diadorim, que se encontram às margens do rio São Francisco, quando ainda garotos. Posteriormente, Riobaldo, à medida que constrói o enredo, traz outros personagens infantis, como os filhos do Aleixo, que pagam com a saúde as maldades praticadas pelo pai, um outro, o menino Valtêi, que tinha prazer em matar, mas é o menino Guirigó que surgirá mais à frente na narrativa e entrará para o bando de jagunços.

O menino Guirigó, o “rapazola retinto”, como é caracterizado por Riobaldo em sua primeira aparição, será pego roubando com outros garotos na casa do Valado, onde o bando de jagunços está hospedado após a morte de Joca Ramiro.

Logo, a primeira aparição do menino jagunço ocorre nas dependências da fazenda:

Sendo que Zé Bebelo assim na dianteira sempre cavalhava, vente, superintendeu que não perseguíssemos aqueles tais, nem neles se atirasse por comprazimento. O que estavam era em mão de roubando, se soube; como que tinham até sacos, para carregar dentro as coisas. Num átimo, eu reluzi quem que eles podiam ser. Só acertei. Pois não foi que um deles, errando no abrir da fuga, demorou, e perdeu as facilidades; então, veio do nosso lado, embrafustado, quase debaixo dos cavalos. Era um pretinho (ROSA, 2017, p. 239).

Desta cena em diante outras informações vão surgindo de modo a permitir traçar o tipo de infância enfrentada por Guirigó ao longo do romance rosiano. Considerando seus aspectos físicos, como sua cor, seu estado de abandono, suas vestimentas, além dos aspectos sociais e psicológicos, como sua composição familiar, seu gosto pela violência, sua condição social vulnerável entre outros fatores, e a partir desses apontamentos será possível analisar a infância da personagem e traçar um comparativo de como a infância se concebe para ele de forma desigual de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade.

Considerando que a infância das personagens crianças será brevemente apresentada e analisada, é importante ressaltar que não se trata apenas de uma fase biológica da vida humana, mas também sobre a existência de uma concepção social formada ao longo dos anos pela humanidade que constrói uma simbologia sobre o ser infantil.

Sendo assim, é pertinente evidenciar que tanto Guirigó como Tiãozinho são personagens que vão romper com a infância idealizada no que se refere ao padrão burguês concebido pela sociedade ao longo da história tendo a criança como um ser angelical, puro e doce e que está sempre rodeada de cuidados e afetos, além de apresentarem outros aspectos distintos das demais crianças de Guimarães Rosa em suas mais diversas histórias.

Um desses aspectos se refere ao fato de os dois meninos serem negros, fator esse que permitirá compreender por que ser menino, negro, sem uma estrutura familiar, entre outras questões, caracteriza uma infância tão longínqua de outras personagens do mesmo autor como Miguilim e Dito da novela *Campo geral* (2017) entre outros.

A infância como é concebida hoje pela família, sociedade e instituições que atendem a esse público é fruto de um processo histórico e social, logo se faz necessário um rápido apanhado histórico para que se compreenda a importância do processo social para a validação da infância.

Na Antiguidade, a criança não era vista como um membro importante da família, porque não contribuía para o sustento ou com o desenvolvimento econômico da sociedade e, por isso, era tratada como “miniatura adulta”, ou seja, não lhe era dado nenhum tipo de privilégio ou tratamento diferenciado como roupas adequadas, tempo para recreação, brinquedos etc. Logo, que alcançava idade mais madura e estatura que permitiam a realização de algumas tarefas, já iniciava no mundo adulto, onde auxiliava nos afazeres domésticos como cuidar das crianças menores, o que favorecia para um alto índice de mortalidade infantil, como afirma Paul Veyne ao relatar como se davam os nascimentos no período do império:

Os recém-nascidos só vêm ao mundo, ou melhor, só são recebidos na sociedade em virtude de uma decisão do chefe da família; a contracepção, o aborto, o enjeitamento das crianças de nascimento livre e o infanticídio do filho de uma escrava são, portanto, práticas usuais e perfeitamente legais (VEYNE, 1994, p. 23).

De acordo com os estudos de Veyne (1994), o infanticídio era uma prática comum para manutenção da quantidade de crianças na sociedade o que só muda com a disseminação do cristianismo na Idade Média.

Ainda na linha histórica, os números de mortalidade infantil ainda se mantêm altos durante toda o período medieval, o que começa a mudar no Renascimento, quando a sociedade compreende que as crianças não são miniaturas adultas e que necessitam de cuidados. Contudo, o modo de ver e tratar as crianças só muda de fato quando a escolarização atinge seu clímax, considerando que, no ambiente escolar, as crianças passam a ser direcionadas para atividades apropriadas a sua faixa etária.

E é no auge da escolarização e com mudanças no modo de ver e tratar a infância que se começa a elaborar concepções sobre a criança e o comportamento infantil que são ainda hoje sustentados, como a inocência, a fragilidade, conceitos também afirmados pela disseminação do cristianismo, além de toda uma estrutura social e mercadológica para atender as demandas e as necessidades desse público. Logo, volta-se o olhar para essa fase importante da vida humana e se constrói a concepção de uma infância idealizada marcada por cuidados adultos, médicos, psicológicos, além claro de todo o processo lúdico das brincadeiras, dos brinquedos, do desenvolvimento cognitivo etc. como é possível constatar na obra *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2009) de Walter Benjamin, filósofo e escritor, aonde ele elabora várias reflexões sobre o mundo infantil a partir da criação de livros, brinquedos e outros produtos mercadológicos e a forma como as crianças reagem a eles:

Se o homem era piedoso, bondoso e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. E como em toda pedagogia teoricamente fundamentada e técnica da influência objetiva só é descoberta mais tarde e aquelas advertências problemáticas constituem o início da educação, assim também o livro infantil, nos primeiros decênios, torna-se moralista, edificante e varia o catecismo, junto com a exegese, no sentido do deísmo. Hodrecker é implacável na condenação desses textos. Em muitos casos, não se poderá negar sua aridez e

mesmo sua falta de significado para a criança (BENJAMIN, 2009, p. 55).

Considerando que ambas as personagens, Guirigó e Tiãozinho, são personagens crianças e brasileiras, ainda é preciso considerar como a infância se concebeu e ainda se concebe no Brasil, e mais precisamente no sertão mineiro, espaço literário das personagens. Além de evidenciar a questão racial das personagens, já que esse é o fator determinante para alguns aspectos analíticos.

A infância no Brasil ou a ideia de infância como fase da vida humana cercada de cuidados e atenção não ocorre de maneira rápida na sociedade, assim como nos países europeus, a criança no período colonial não era vista como um membro importante ou alvo de cuidados específicos. As crianças brancas tinham sua educação e cuidados delegados às escravas, que muitas vezes eram suas amas e “mães de leite”, ou seja, além de todos os cuidados também eram elas que alimentavam as crianças, filhos e filhas dos senhores dos escravos, seus “donos”.

Crianças negras eram vendidas, assim que nasciam, para serem escravas e executarem trabalhos no campo e nas fazendas, o que muitas vezes culminava com a separação entre mãe e filho. Logo, fica latente que desde os tempos mais remotos a infância não se concebe de maneira igualitária na sociedade. As crianças bem nascidas, apesar de não terem cuidados e atenção diretamente dos pais, recebiam os cuidados das escravas, enquanto os filhos das escravas eram vendidos e escravizados. Na obra *História das crianças no Brasil* (2018) Julita Scarano faz um apontamento importante sobre como as crianças, sobretudo as negras, eram tratadas no período colonial:

As crianças negras foram praticamente ignoradas na correspondência que de Lisboa ou mesmo da Bahia e Rio de Janeiro, partiu para a região das minas no decorrer do século XVIII. Pouco se fala da vida diária e dos aspectos corriqueiros do cotidiano e não há interesse em comentar como viviam os escravos e os pobres, as mulheres, e, menos ainda, as crianças, mesmo se tratando dos filhos

de pessoas de importância. A preocupação, conforme vemos pela correspondência conservada nos arquivos portugueses e brasileiros, trata quase que somente de assuntos políticos e econômicos. As autoridades locais, quando escreviam para os centros do poder do momento, não estavam interessadas nos modos de viver, só se preocupavam com a situação dos “povos” quando havia perigo de revoltas e outros problemas, sem se interessarem pela população infantil (SCARANO, 2018, p. 107).

O breve apanhado histórico acerca da infância se faz necessário para a compreensão de como a infância pode ser desigual e concebida de maneira tão longínqua da idealizada como acontece para Guirigó e Tiãozinho.

Desta forma, retomando os aspectos das personagens Guirigó, “o pretinho”, surge na narrativa em meio a uma cena de roubo, o que já indica sua condição social vulnerável, adiante o jagunço Riobaldo descreve o menino:

Um rapazola retinto, mal aperfeiçoado; por dizer, um menino. Nu da cintura para os queixos. As calças, rotas em todas as partes, andavam cai'caindo; ele apertou perna em perna. Arfava chiado, como quem, por todo engano de pressa, tivesse chupado na boca um gole quente de café demais. Bezerro doente, de mal-de-ano, às vezes faz assim. Cuido que por não perder de todo as calças como vestimenta, ele se ajoelhou —chato no chão, mais deitado que ajoelhado. — “A benção!” — pois disse. E a ideia dele rodou ligeira, pois, quando se notou, tinha tirado do bojo do saco o que estava lá: que era um pé de alpercata de homem, um candieirozinho pequeno, desses que vinham da Bahia, uma escumadeira de cozinha e um arranjado envernizado de couro preto, que nem boldrié — que tudo jogou fora, para uma banda, o longê que pôde. [...] (ROSA, 2017, p. 240).

Logo na primeira descrição feita pelo narrador, é possível perceber as condições precárias do menino, considerando sua pouca vestimenta e aspectos físicos como o chiado no peito que indicam uma saúde frágil e a falta de cuidados, elementos esses que compactuam para traçar a vulnerabilidade de sua existência e o motivo pelo qual o levam a praticar o roubo.

Guirigó então, quando interpelado, indica sua origem e sua composição familiar. Outro fator

importante para o panorama do tipo de infância vivida por ele, que é marcada pelo desamparo, pode ser constatado, quando ele se apresenta ao bando de jagunços:

Isso tudo se deu curto, que nem mijar dum sapo; e dum modo tal inocente, de quem visse risse. E em coisa tão tola declarada assim a gente até crê razão, por ser tão afã de absurdo. — “Donde é que vocês vieram, dond' é?” — Zé Bebelo indarguiu.

— “A gente quer voltar para casa... Semos, sim, é do Sucruíú, nhor sim...”

Arte que a aproveitar, ele tornou a atar melhor o resumo da embira, que cinturava aqueles molambos de calças. E se encolhia, temia; e se ria. Que nome era capaz de ter?

— “Guirigó... Minha graça é essa... Sou filho de Zé Cância, seu criado, sim senhor...” (ROSA, 2017, p. 240).

O menino então revela que vem do Sucruíú, um vilarejo que fora assolado por uma doença e por consequência pela fome e miséria. Conta ser filho de Zé Cância, mas não revela o nome da mãe, o que indica a ausência dos cuidados maternos. Além disso, o menino se apresenta como “seu criado”, indicando sua vulnerabilidade social diante dos jagunços e a servidão internalizada por sua posição social e racial, que é fruto de um processo histórico escravocrata brasileiro desde o período colonial.

Continuando o diálogo do encontro, o narrador ainda ressalta mais características que permitem compreender a vida sofrida enfrentada pelo menino:

Tão magro, trestreste, tão descriado, aquele menino já devia de ter prática de todos os sofrimentos. Olhos dele eram externados, o preto no meio dum branco enorme de mandioca descascada. O couro escuro dele era que tremia, constante, e tremia pelo miúdo, como que receando em si o que não podia ser bom. É quando espiava para a gente, era de beiços, mostrando a língua à grossa, colada no assoalho da boca, mas como se fosse uma língua demasiada demais, que ali dentro não pudesse caber; em bezerro pesteadado, às vezes, se vê assim. Menino muito especial. [...] (ROSA, 2017, p. 240).

Ao se referir às características físicas do menino, o narrador aponta para a sua condição de abandonado, de “descriado”, já que Guirigó é encontrado sem os pais em uma condição de abandono parental. Quando o narrador afirma que ele aparentava “ter prática de todos os sofrimentos”, revela os aspectos sofridos pelo semblante do menino, assim como o medo aparente que ele demonstra, o que caracteriza sua insegurança e medo diante dos jagunços, mas, apesar de todos os aspectos e da situação em que é encontrado, o narrador percebe que se trata de um menino especial, Riobaldo tem empatia por Guirigó, talvez por perceber a condição miserável que o leva a praticar o roubo na fazenda.

Nessa mesma passagem, o narrador-personagem realiza uma comparação explícita em relação à pele do menino, realizando uma animalização comparativa entre a pele do garoto e o “couro escuro”, assim como quando se refere a sua “língua à grossa” e extensa demais, pois remete à figura de um boi ou bezerro. O couro, como se sabe, é pele de alguns animais, o que indica que, assim como eles, Guirigó possuía uma pele espessa e resistente que pode ser característica de uma infância de poucos cuidados e muitos sofrimentos, assim como as condições de sua língua “grossa”. Comparação essa que também acontecerá com o menino Tiãozinho em *Conversa de bois* (2017), ou seja, ambos são animalizados, o que evidencia as condições físicas que se encontram. Quando questionado pelo narrador sobre o fato de ter roubado outros bens que não tinham associação com a necessidade de se alimentar, como um pé de alparcata de homem e candieirozinho, o comportamento do menino chama atenção, considerando que ao invés de demonstrar medo ele nega às acusações. Apesar de todo sofrimento, o menino não chora ou se amedronta com os questionamentos, demonstrando coragem,

considerando que, ao ser encontrado por um bando de jagunços, deveria temer por sua integridade:

O pretinho espichado no chão sacudia a cabeça, que não que não, que parecia ter gosto de poder negar assim. — “Mas o de comer todo se acabou...” Havia de negar tudo, renegava: até que tivesse tido mãe, nascido dela, até que a doença brava estivesse matando o povo do Sucruí, os parentes todos dele. A gente queria que aquele traste de menino sentisse em si, se entristecesse, por tantas suas desditas chorasse uma lágrima, a lagrimazinha só, por um momento que fosse. Ah, se ele fizesse logo isso, a gente ficava desconsolado e legítimo no triste, a gente ficava tranquilizados. Qual, o menino preto negava. O que ele afirmava, no descaramento firme de seu gesto, era que nem era ninguém, nem aceitava regra nenhuma devida do mundo, nem estava ali, defronte dos cascos dos cavalos da gente. [...] (ROSA, 2017, p. 240).

O bando de jagunços, quando encontra o menino, aguarda um comportamento infantil, ou seja, que ele demonstre medo ou algum tipo de fraqueza. Mas o menino não chora ou se mostra amedrontado. Sua rebeldia e força rompem com a infantilidade esperada. Quando afirma que ele “nem aceitava regra nenhuma devida do mundo, nem estava ali...” a personagem coloca em evidência questões culturais no que se refere às relações de poder, de que mesmo pertencendo a um grupo não privilegiado socialmente não aceitaria imposições.

O menino entra para o bando de jagunços e é colocado à esquerda de Riobaldo durante a travessia. Ele comporá o par de amuletos ao lado do líder dos jagunços junto com o Cego Borromeu, um senhor cego e sábio. O rapazola fica ao lado esquerdo de Riobaldo e em suas ações, o que deixa evidente o comportamento corajoso, pois, muitas vezes, deseja ultrapassar os limites colocados por Riobaldo — que poderia ser considerada a figura patriarcal no romance para o menino —, como quando aconselha e deseja que o narrador-protagonista pratique ações violentas. Guirigó, em alguns momentos, demonstra seu desejo e sua admiração pelas armas e pela violência:

Às léguas, eu indo, eles me seguindo: — “Tu está vendo o tamanho do mundo, Guirigó? Que é que tu acha de maior boniteza?” Assim eu perguntei, àquele sacizinho de duas pernas, que preto reluzente afora os graúdos olhos brancos, me remedindo, da banda de minha mão canhota sempre viesse, encarapitado sobre seu alto cavalo. E ele, a cuja senvergonhice: — “De todas as coisas, boniteza melhor é dessa faquinha enterçada, de metal, que o senhor travessa na cintura...” Segundo tinha botado desejo no meu punhal puxável de cabo de prata, o dioguim. — “A pois: no primeiro fogo que se der, se tu não abrir a boca e choro bué, por medos, a dita faca tu ganha, presenteada...” — eu prometi. (ROSA, 2017, p. 270).

O rapazola permanece ao lado de Riobaldo até o confronto final do romance, momento em que Diadorim e Hermógenes se enfrentam e ambos saem mortos. O menino, além de participar de alguns episódios de violência também presencia vários, entre eles a morte de Diadorim e a verdade sobre sua feminilidade. E é ele que será um dos primeiros a amparar Riobaldo diante da grande perda.

Após essa passagem, o confronto final, o destino de Guirigó fica implícito, já que Riobaldo narra já em sua velhice, como dono de posses, e apenas afirma que mantém ao redor de sua propriedade amigos jagunços que realizaram com ele a grande travessia de sua vida.

A violência é um dos aspectos que mais aproximam Guirigó e o menino Tiãozinho, além de ambos serem negros.

O menino Tiãozinho surge em um dos contos do livro *Sagarana* (2017) publicado em 1946, intitulado *Conversa de bois*, uma narrativa que se inicia com um diálogo explícito com o leitor, onde Manoel Timborna pede ao seu interlocutor licença para modificar a estória que será narrada: “— Se eu tiver licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco...” (ROSA, 2017, p. 263). Portanto, a narrativa se dá através do ponto de vista desse narrador. O enredo retoma a temática presente em outros contos, como em *Corpo fechado*, *São Marcos* e *Minha gente*, em que os animais são

mais empáticos e racionais, tornando-se humanos, enquanto alguns dos homens praticam brutalidades, agindo como animais. Afirma Nildo Maximo Benedetti, em *Sagarana: o Brasil de Guimarães Rosa* (2008):

Em “Conversa de bois”, os animais se humanizam e alguns homens se mantêm humanos, como acontece com determinados personagens e com o próprio narrador, enquanto outros se animalizam, como Agenor Soronho e Tiãozinho; e o autor implícito se aproxima do divino porque tudo observa. Entenda-se que, aqui, animalizar-se significa brutalizar-se, bestializar-se, e que o termo está em oposição a humanizar-se, que é adquirir hábitos sociais e civilizados, no terceiro sentido dado por Wolf a que nos referimos na análise de “O burrinho pedrês”. Em “Conversa de bois”, porém, a fronteira entre as duas categorias — animal e humana —, mais que estática, é um tanto flutuante, o que aproxima muito a obra do conceito freudiano segundo o qual o homem não tem motivo para se excluir de todo o reino animal (BENEDETTI, 2008, p. 206).

Tiãozinho, o menino guia, acompanha o carro de bois, que tem por objetivo realizar uma travessia comercial e ao mesmo tempo funerária. O carro de bois leva mercadorias a cidade vizinha, mas também o corpo de seu pai falecido:

— Boa tarde, seu Agenor! Que é que vão carregando?

— Um rapadurinhas pretas, e mais um defunto... É o pai do meu guia, que morreu p’r’a amanhecer hoje...

— Virgem Santa, seu Agenor! Imagina, só, que coisa triste... — Os homens se descobrem. — E de que foi mesmo que ele morreu (ROSA, 2017, p. 268).

O menino demonstra, com a lembrança do pai ainda vivo, como levava uma vida sofrida, de saúde debilitada, além de exaltar a dor e o sofrimento do pai que o atingiam diretamente, considerando o laço afetivo entre eles:

Tiãozinho nem se lembrava dele de outro jeito, nem enxergando nem andando... Às vezes ele chorava, de-noite, quando pensava que ninguém não estava escutando. Mas Tiãozinho, que dormia ali no chão, no mesmo cômodo da

cafua, ouvia, e ficava querendo pegar no sono, depressa, para não escutar mais... (ROSA, 2017, p. 273).

Já a relação com a mãe era conturbada, o menino descreve que a mãe cedia as vontades e ordens do dono de carros de bois, Agenor Soronho, já que ele provia o sustento da casa, considerando o estado de saúde frágil do pai, mas o tratamento de Agenor Soronho era violento e utilizava de seu poder de provedor para aplicar castigos e praticar a imposição de seus desejos:

Ah, da mãe não gostava!... Era nova e bonita, mas antes não fosse... Mãe da gente devia de ser velha, rezando e sendo séria, de outro jeito... Que não tivesse mexida com outro homem nenhum... Como é que ele ia poder gostar direito da mãe?... Ela deixava até que o Agenor carreiro mandasse nele, xingasse, tomasse conta, batesse... Mandava que ele obedecesse ao Soronho, porque o homem era quem estava sustentando a família toda. Mas o carreiro não gostava do Tiãozinho... E era melhor, mesmo, porque ele também tinha ojeriza daquele capeta!... Ruço! Entrão!... Malvado!... O demônio devia de ser assim, sem tirar nem pôr... Vivía dentro da cafua... Só não embocava era no quartinho escuro, onde o pai ficava gemendo; mas não gemia enquanto o Soronho estava lá, sempre perto da mãe, cochichando os dois, fazendo dengos... Que ódio!... (ROSA, 2017, p. 274).

Durante o conto *Conversa de bois*, é possível perceber que algumas temáticas recorrentes se repetem em *Grande sertão: veredas* (2017), como o ódio, a violência, o metafísico que influencia o humano, sendo representado na figura do diabo; a busca pela vingança, seja por parte dos humanos, seja dos animais. Assim como Tiãozinho pretende se livrar da violência praticada por Agenor, os bois também indicam durante a conversa que desejam se livrar dos maus tratos do carreiro, mas não excluem de todo o menino guia:

Os guardas do cabeçalho devolvem a fala:

— O homem está escorregando do chifre-do-carro!... Vai muito pouco de cada vez, mas nós temos a certeza: o homem está pendendo para fora do chifre-do-carro ... Se ele cair, morre...

Outra vez, pelo itinerário alternado, de focinho a focinho, é transmitida a visão da guia:

— O bezerro-de-homem quase cai nos buracos... Ele está mesmo dormindo... Daqui a pouco, ele cai... Se ele cair, morre... (ROSA, 2017, p. 288).

A forma bondosa e humilde como o menino é caracterizado no conto se contrapõe à busca pela vingança contra Agenor Soronho. Libertar-se da violência e do abuso sofrido transforma-o em um jovem déspota, pelo menos em seu pensamento:

Quem manda agora na nossa cafua sou eu... Eu, Tiãozinho!... Sou grande, sou dono de muitas terras, com muitos carros de bois, com muitas juntas... Ninguém pode mais nem falar o nome do seu Soronho... Não deixo!... Sou o mais forte de todos... Ninguém pode mandar em mim!... Tiãozão... Tiãozão!... (ROSA, 2017, p. 290).

Em relação à composição familiar, diferentemente de Guirigó, o menino guia possui mãe e pai, porém como narrado seu relacionamento com a mãe não configura em relação harmoniosa, considerando o descaso dela para com ele e o pai.

Um dos primeiros aspectos sobre Tiãozinho é o sofrimento precoce físico e psicológico, considerando que ainda criança já precisa trabalhar para promover o seu sustento, além das mais diversas violências que sofre vindas principalmente de seu patrão, Agenor Soronho. Assim como ocorre em *Grande sertão: veredas* (2017), a violência é um aspecto recorrente na narrativa e uma marca da infância de Guirigó e Tiãozinho, sobre esses aspectos afirma Benedetti (2008):

Como consequência, o conto apresenta uma faceta política que pode ser inferida em *Sagarana* e está especialmente clara em *Sertão*, referente à luta de classes intelectuais pelo poder. Se considerarmos que o conto está tratando de grupos sociais que tentam se proteger da violência, mesmo que para isso acabem por praticá-la contra outros grupos sociais, na realidade o que se tem é um resgate da discussão teórica em torno da necessidade de conter os impulsos violentos do homem, substituindo-se o poder do indivíduo pelo poder da comunidade — condição essencial para o processo de civilização — como

afirmou o Freud em *O mal estar da civilização* (BENEDETTI, 2008, p. 207).

A vulnerabilidade social é enfrentada por ambos garotos, enquanto Guirigó entra para o bando de jagunços, o menino Tiãozinho precisa aceitar os maus tratos e a violência do carreiro Agenor Soronho para garantir sua existência: “Mas Tiãozinho, que dormia ali no chão, no mesmo cômodo da cafua [...]” (ROSA, 2017, p. 273). Mesmo antes da morte do pai, o menino de *Conversa de bois* (2017) precisa assumir as funções do pai Januário, que há tempo vivia apenas acamado e já não podia mais trabalhar.

Logo, assim como Guirigó, Tiãozinho tem sua infância interrompida pelas necessidades que não lhe permitem que sinta os prazeres de criança:

Em *Conversa de Bois* (2001), a questão do trabalho infantil se faz presente como uma prática comum naquele contexto social, tendo em vista que, durante a narração do trajeto em que Tiãozinho guia um carro-de-bois, o narrador aproveita o fato do cansaço deste menino para contar que, num dia quente como aquele, outro menino-guia, Didico, de dez anos, não suportou a lida e morreu: “Que calor!... E a poeira seca a goela da gente. Sentirá dor-por-dentro no pescoço? São Brás! São Brás!... Não quer pensar como o Didico da Extrema, que caiu morto, na frente de seus bois...” (ROSA, 2001, p. 342). Percebe-se que as crianças não só tinham que trabalhar como eram expostas a situações tão árduas, que chegam ao cúmulo de lhes tirarem a vida – Didico era exposto ao trabalho de adultos mesmo com seu problema cardíaco, para o qual ninguém deu importância, achando que era preguiça (SIRINO, 2017, p. 134).

O narrador realiza descrições do menino que permitem vislumbrar a infância marcada pelas dificuldades e pela miséria. Assim como ocorre com Guirigó, Tiãozinho tem vestimentas e aspectos físicos que transparecem sua infância difícil e dura:

Mal se amoitara, porém, e via surgir na curva de trás da restinga, o menino guia, o Tiãozinho – um pedaço de gente, com a comprida vara no ombro, como o chapéu de palha furado, as calças arregaçadas, e a camisa grossa de riscado, aberta no peito excedendo atrás em fraldas esvoaçantes.

Vinha triste, mas batia ligeiro as alpercatinhas, porque, a dois palmos da sua cabeça, avançavam os belfos babosos bois da guia — Buscapé, bi-amarelo, descendendo entre as mãos a grossa barbela plissada, e Namorado, caracu Sapiranga, castanho vinagre tocado de vermelho — que, a cada momento, armavam modo de querer chifrar e pisar (ROSA, 2017, p. 265).

Durante a travessia que precisa realizar Tiãozinho é vítima das mais variadas formas de violência, além de ter que lidar com o sofrimento e o descaso pela morte de seu pai por parte do dono do carro de bois. Logo, assim como em alguns trechos de *Grande sertão: veredas* (2017), o menino Guirigó, conselheiro de Riobaldo, demonstra desejo pela morte e pelos atos violentos, o menino Tiãozinho também anseia pela morte de Agenor Soronho, como forma de se vingar dos maus tratos, mas não tem coragem de realizá-lo e, quando a morte do patrão ocorre, o menino guia demonstra arrependimento por ter desejado o mal, assim como expressa tristeza ao ver Agenor Soronho morto:

Arrepelando-se todo. Chorando. Como um doído. Tiãozinho. — “Meu Deus! Como é que foi isso?!... Minha Nossa Senhora!...” — Sentado na beira de um buraco. Com os pés dentro do buraco. — “Eu ticulpa... Mas eu estava meio cochilando... Sonhei... Sonhei e gritei... Nem sei o que foi que me assustou...” (ROSA, 2017, p. 291).

Para mostrar a humanização do menino-guia, afirma o narrador:

Tiãozinho – nunca houve melhor menino candieiro — vai em corridinha, maneiro, porque os bois, com a fresca, aceleram. E talvez dois defuntos deem mais para a viagem, pois até o carro está contente — renhein... nheim... — e abre a goela do chumaço, numa toada triunfal (ROSA, 2017, p. 291).

O menino-guia é retratado no conto não apenas em discurso direto, mas também segundo os apontamentos do narrador onisciente:

Como João Bala, a personagem de Tiãozinho se afigura oposto de Soronho: ele é retratado

pelo narrador como um menino piedoso, que trata do pai com carinho. Não transgride as leis da natureza, aproxima-se dos animais com bondade. Sente remorsos pelo ato inconsciente que o levou à vingança, e seu ato consciente é de perdoar Soronho, após a morte deste. Ao se vingar, Tiãozinho pune violência com violência, e dessa forma, se equipara a Soronho, mas, com seu arrependimento, torna-se humano e herói, porque supera a si mesmo e às suas paixões. Ele é carente de pai, de mãe, paupérrimo, desarrumado, em farrapos. A vida que leva deveria transformá-lo em mau; no entanto, é retratado como virtuoso pelo narrador (BENEDETTI, 2008, p. 218).

O conto *Conversa de bois* (2017) termina com a morte de Agenor Soronho pelos seus próprios bois, e o menino Tiãozinho termina sua travessia sozinho, mas assim como ocorre em *Grande sertão: veredas* (2017), a travessia, elemento narrativo comum nas obras de João Guimarães Rosa, representa uma mudança física e psicológica das personagens.

A partir das breves análises, é possível perceber que diferentemente de crianças brancas que desfrutam o melhor da infância, como ocorre em *As margens da alegria*, *Os cimos*, para ambos os meninos negros não acontece da mesma forma.

A questão racial está relacionada diretamente com a posição social que ocupam, Guirigó e Tiãozinho são meninos negros que estão à margem da sociedade, a eles não cabe os privilégios de uma infância saudável, cercada de atenção e cuidados, nem mesmo de cuidados básicos como acesso ao ambiente escolar, saúde e alimentação. Para garantirem sua sobrevivência, precisam ceder à dureza do sertão e se tornarem adultos capazes de lutar pela sobrevivência, mesmo que, para isso, tenham que utilizar da violência.

Logo, o que se busca evidenciar é que a infância se caracteriza de maneiras distintas, e que, para muitos, como é o caso de ambas as personagens negras aqui, estará longe da imagem angelical, pura e doce reproduzida pelo cristianismo e pelos contos de fadas. Apesar de serem personagens em um enredo ficcional, Guirigó e Tiãozinho são

representantes de uma infância negra marginalizada e ignorada na realidade, e por isso a importância de ressaltar, mesmo que de forma breve, a capacidade e a sensibilidade do autor Guimarães Rosa em criar personagens que reflitam de certa forma a realidade.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Nildo Maximo. Sagarana: o Brasil de Guimarães Rosa. 2008. 286 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: 10.11606 / T.8.2008.tde-04072008-111149. Acesso em: 3 mar. 2019.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. 2ª ed. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). Personae: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Senac, 2001. p. 237-264.

GUIMARÃES, Vicente. Joãozinho: a infância de João Guimarães Rosa. São Paulo: Panda Books, 2006.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. Corpo de baile, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. Sagarana, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

SIRINO, Salete Paulina Machado; FORTES, Rita Felix. TIÃOZINHO E MIGUILIM: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM MUNDOS FICCIONAIS DE GUIMARÃES ROSA. Trama, [S.l.], v. 13, n. 30, p. 125-147, out. 2017. ISSN 1981-4674. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/16711/11872>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SCARANO, Julita. Criança esquecida das Minas Gerais. In: Mary Del Priore (Org.), História das crianças no Brasil. 7ª ed. São Paulo, Contexto, 2018.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: ARIÈS & DUBY. História da Vida Privada. São Paulo: Cia das Letras, 1994. v.1.

Submissão: outubro de 2020.

Aceite: julho de 2021.